

## HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA: LÍNGUA E LINGUAGEM

Sebastião Elias Milani<sup>1</sup>

O que significa estudar historiografia lingüística? Tomando como exemplo três autores do século XIX em seus conceitos de língua e linguagem, evidencia-se neste artigo a ciência que estuda sob o prisma da historiografia objetos teóricos advindos da teorização sobre língua e sobre linguagem. De qualquer ponto de vista, sendo esse objeto teórico da ordem gramatical ou da ordem geral, sempre resulta em texto ou é resultado da análise de um texto.

Por essa ordem metodológica seria possível penetrar na estrutura de uma obra, verificando seus conceitos e as fontes refratadas, isto é, essa obra sincronicamente como refração de uma diacronia legível em suas linhas, e seria possível perceber a estrutura de um conceito, ao longo de uma diacronia, as contribuições individuais nas diversas vezes que fora enunciado.

Os aspectos dos estudos da ciência da linguagem, no decorrer do século XIX, foram direcionados para o estudo de sua representação concreta e coletiva no mesmo sentido e proporção que as obras de ficção. Tanto o discurso ficcional quanto o lingüístico são formas de demonstração discursiva que pesquisaram a maneira da representação conceitual, ou seja, a forma materializada do conceito no significante. A língua materializada no discurso é uma fórmula que está na mente dos indivíduos. O discurso

1. Professor da Faculdade de Letras da UFG.

é a língua sob o prisma do indivíduo, e as mudanças que ocorrem na língua são sempre fatos primeiro nos indivíduos e através deles chegam à língua.

Conforme se caracterizavam os estudos sobre linguagem no início do século XIX, o conceito de língua em Wilhelm Karl von Humboldt (1767-1835) é a demonstração da forma idealizada de estudar as coisas do mundo. Para Humboldt no livro *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana* (1831), o indivíduo falante é a fórmula atuante da língua e tem o domínio sobre sua formação estética. Ele pode modificar sua língua, não só no plano individual, como também no plano nacional. Logo, é pela força dos indivíduos falantes que a língua evolui.

Ao se dedicar à própria evolução estética, o indivíduo lapida sua estrutura moral e intelectual. Assim, em sua relação com o mundo, ele expressa, através de seu discurso, seus pensamentos e suas idéias. Não só os conceitos formulados, mas seus conceitos serão também marcados por seu estágio de evolução estético-moral. Resumindo: em seu discurso está representado seu estágio lingüístico: o quanto ele domina a língua na organização de seus pensamentos, e também seus valores estéticos e morais.

A língua funciona como uma fórmula que ajuda os indivíduos a interagirem entre si e com o mundo real. Ela é um elemento nacional: é reflexo do espírito do povo, ou espírito-nacional. Porém, o espírito-nacional só existe na mente dos indivíduos, porque ele é a organização cultural da nação. Desse modo, a língua, que é coletivamente nacional, só existe na mente dos indivíduos falantes. Ela faz parte do espírito-nacional, porém, ele só existe porque o falante faz uso da língua para discursar. Portanto, no discurso, ato individual, são conhecidos a língua e o espírito-nacional, que se tornam uma mesma coisa: a língua é reflexo do espírito-nacional e o espírito-nacional só existe por meio da língua.

O indivíduo, nesse contexto, é o grande responsável pela língua; mais precisamente, é o responsável pela qualidade de seu discurso. Ele tem controle sobre a perfeição de seu discurso e, para melhorar esteticamente a língua que fala, precisa melhorar a si mesmo esteticamente, uma vez que seu discurso reflete seu pensamento abstrato. O modo como o indivíduo pode melhorar a si mesmo é pelo exercício de suas faculdades mentais envolvidas: nesse caso, a escola é fundamental. Logo, para Humboldt, o homem que pensa melhor fala melhor. Nesse caso, sua língua, por ser mais perfeita, porque lhe oferece mais recursos, o ajuda a pensar.

A nação também se constitui num indivíduo, isto é, numa unidade. Ela é um espaço físico e cultural bem definido, e o indivíduo está totalmente identificado com ela. Assim, em qualquer parte da nação em que estiver, ele se sentirá plenamente identificado, sobretudo porque tem em si o único armazém cultural que a nação pode ter, que é a língua.

A nação é o único grupo lingüístico de que o indivíduo não pode sair. Portanto, toda manifestação lingüística executada em qualquer parte da nação estará incluída na língua nacional, porque o espírito nacional apresenta diferenças de indivíduo para indivíduo, mas está limitado pelos recursos e formas da língua. A língua une todas as partes da nação, mesmo que sejam distantes, pois seus recursos são sempre iguais nacionalmente.

A nação pode, por ser um indivíduo, modificar sua língua, aperfeiçoando-a para e pelo exercício do pensamento abstrato. Para isso, deve atuar no sentido de ensinar a melhor fórmula da língua ao povo, que, por sua vez, agirá reciprocamente na língua, lapidando suas formas. Segundo Humboldt, a nação que conseguir o intento de aperfeiçoar a língua do povo, por via da educação (único modo), terá múltiplos resultados em forma de recursos materiais, intelectuais e morais, e será superior às outras nações.

Humboldt transferiu a essência do pensamento do Romantismo para seus conceitos lingüísticos. Existe em sua obra uma evidente busca pela fórmula lingüística esteticamente perfeita. Ele não determinou somente quais são os aspectos lingüísticos perfeitos, como ensinou o modo de alcançá-los.

Para mostrar a continuidade do pensamento nos seres humanos, quer-se dizer que ninguém começa

seu desenvolvimento intelectual sem ter aprendido o que já tenha sido descoberto, neste artigo, além de Humboldt, apresentam-se William Dwight Whitney (1826- 1893) e Ferdinand de Saussure (1857-1913). Da mesma forma que se reconhece que Humboldt teve como fontes para seus estudos Herder, Bopp, August Schlegel, etc., Whitney teve como fontes Steinthal, Schleicher, Humboldt, etc., e Saussure teve como fontes Whitney, Steinthal, Schleicher, Humboldt, etc. As fontes historiográficas são sempre muito difíceis de serem precisadas, porque o pensamento individual é sempre descontínuo e segue o espírito de sua época, logo se tomam esses pensadores como legítimos e exponenciais representantes do espírito de suas respectivas épocas.

Em Whitney, no livro *A vida e o desenvolvimento da língua* (1871), a língua é uma instituição humana e concreta, como as outras instituições da sociedade. Então, o indivíduo deve aprender a língua do mesmo modo que aprende qualquer outra informação. Desse modo, pode-se facilmente perceber que a língua, na concepção de Whitney, é um produto da sociedade. Por estar na sociedade como uma instituição coletiva, ela é transmitida pelo contato entre os indivíduos da coletividade, passando de geração em geração: os mais velhos executam a integração dos novos indivíduos no grupo de falantes.

A língua traz em si as marcas do contexto específico em que foi cunhada. Por isso, estudar a língua nacional em Whitney é tomar posse dos elementos lingüísticos existentes naquele ambiente, de modo a poder usá-los de uma maneira melhor. Uma vez que o indivíduo seja lingüisticamente maduro, ele pode modificar a língua de sua nação, fazendo acréscimos



ao contexto da língua por força da colocação em evidência de aspectos que estavam latentes. De qualquer forma, o indivíduo só pode modificar a língua se alguma parte de seu discurso for integrada, pela coletividade, na língua.

A linguagem é uma capacidade inata nos seres humanos, enquanto a língua é uma materialização social e histórica dessa capacidade. Dessa forma, a linguagem humana não muda: o que muda é a língua, que é fruto da força do pensamento atuando na linguagem. Dessa relação, duas conclusões importantes podem ser tiradas: a linguagem só existe para a expressão do pensamento; e a língua é a forma concreta e coletiva da união do pensamento com a capacidade de linguagem.

Whitney quase não usou os termos *fala* ou *discurso*, conceito que não aparece explicado em seu texto. Ele utilizou, porém, o termo “language” em duas acepções: uma como “capacidade humana”, a outra como a “materialização da língua”, como discurso. No entanto, apesar de evidentemente ter compreendido a diferença, não se pode dizer que Whitney

tivesse distinguido o conceito de “fala” num sentido específico, como faria Saussure.

Whitney tem claramente pensamentos situados numa sociedade já muito preocupada com os problemas coletivos. Ele era professor de língua inglesa num país cheio de imigrantes e índios, um país que precisava descobrir uma identidade para si mesmo. Seu campo de observação estava muito distante dos problemas relacionados com a origem do grupo indoeuropeu, e, apesar de ter sido estudioso dos comparatistas, principalmente de Bopp e de Humboldt, sua inspiração estava direcionada para a cultura em formação que caracterizava seu país.

Assim, a clara separação que Whitney fez entre a linguagem e a língua, sendo essa última uma instituição concreta, que podia ser aprendida como qualquer outra instituição nacional, encontra respaldo no ambiente em que vivia: muitos indivíduos de muitas origens, todos aprendendo a viver no novo país e a falar a língua da nova Pátria.

Saussure, na obra póstuma *Curso de lingüística geral* (1916), separou claramente os conceitos de linguagem, língua e fala. A linguagem é definida como uma

capacidade humana, como definiu Whitney – porém, diferentemente de Whitney, a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos. Segundo Saussure, não é a linguagem que é natural ao homem, mas a capacidade de construir uma língua.

Ao lado desses dois conceitos, Saussure definiu a “parole” (fala/discurso), que é a atuação individual, ao materializar em sons articulados seus pensamentos pela forma que é a língua.

Saussure delimitou esses três conceitos com a intenção de encontrar o objeto de estudo da Lingüística. A preocupação clara de Saussure é definir a Lingüística como ciência: seu objeto de estudo, seu espaço de atuação, as ciências às quais estava ligada, qual a contribuição social a se esperar dela, etc. No entanto, sua proposta de criar uma ciência do signo (Semiologia) não se tornou uma realidade para os estudos do signo. Em sua evolução no século XX, a Lingüística que deveria se ocupar somente da língua, seu verdadeiro e único objeto, ligou-se às mais diversas ciências. De uma forma geral, ela assumiu muitos estudos sobre muitos signos, que vão um pouco mais além dos limites do signo lingüístico: são exemplos a Psicolingüística, a Neurolingüística, etc.

Saussure propôs inúmeros estudos e campos de estudos para a ciência da linguagem. Além da Semiologia e de ter criado a Semântica, ele propôs a divisão dos estudos lingüísticos na relação da língua com o tempo: os estudos sincrônicos e diacrônicos.

Essa distinção entre estudos sincrônicos e diacrônicos permite classificar, segundo o interesse científico principal de uma época, a evolução dos estudos da linguagem. A Gramática Tradicional, por visar a distinguir modelos corretos dos incorretos, organizava estudos sincrônicos. Do mesmo modo, são de ordem sincrônica as gramáticas normativas das línguas, porque registram, para um determinado tempo, a língua de prestígio de uma nação.

A Filologia e a Gramática Comparada são estudos eminentemente diacrônicos, porque se relacionam com a língua numa perspectiva histórica. Dessa forma, no século XIX predominaram os estudos de ordem diacrônica, uma vez que os comparatistas e os neogramáticos, de um modo ou de outro, buscavam estabelecer as origens para as línguas. Até mesmo Humboldt, Whitney e Saussure fizeram predominantemente estudos diacrônicos.

Está claro na obra de Saussure que ele estava envolvido com as exigências que a sociedade fazia aos cientistas, o chamado cientificismo. Saussure não podia conceber, como era típico em seu tempo, que um estudo científico pudesse ser feito de um modo que não possibilitasse um controle metodológico dos resultados e do percurso a ser seguido na direção de um resultado. Por outro lado, qualquer explicação que Saussure tenha dado para os conceitos da língua não escapou das influências predominantes em seu tempo: a Economia, a Psicologia e a Sociologia. Essas duas últimas, principalmente, estavam muito presentes na atuação filosófica no final do século XIX. Assim, as partes da língua são eminentemente psíquicas, como prova o circuito da fala; ela é cunhada no seio da sociedade, é portanto um fato social.

Nos modelos de trabalho aplicados pelos três lingüistas, podem ser encontrados claramente os traços das filosofias e dos fatos sociais predominantes em cada época, e, também, os interesses e os elementos que influenciavam a vida particular de cada um dos estudiosos.

Quanto a Humboldt, ele tinha evidentemente a preocupação de estabelecer uma origem para as línguas; a diferença dele para os outros comparatistas é que ele fez uso de uma metodologia que visava a encontrar a origem das línguas na organização intelectual, enquanto os outros estavam preocupados com a língua originária. Humboldt não comparou as línguas para determinar parentesco entre elas, mas para encontrar a fórmula intelectual de sua produção.

Whitney estudou muito o indo-europeu, mas, por ser gramático e professor, estava mais preocupado com a evolução da língua na relação com a aquisição dos recursos lingüísticos pelos indivíduos. Apesar de sua formação totalmente européia, ele era da América do Norte – um mundo que conhecia com clareza sua origem e que tinha problemas lingüísticos de ordem prática muito evidentes, como a enorme quantidade de estrangeiros, vindos de todas as partes do mundo, falando muitos idiomas diferentes, além de ter próximas a si muitas línguas indígenas, também desconhecidas. Dessa forma, a preocupação de Whitney em relação à origem da linguagem de seu povo devia ser secundária, enquanto devia ser fundamental a necessidade de criar uma cultura, lingüisticamente educada, em seu país. Por isso, sua preocupação histórica se dá em relação à evolução da língua em todos os seus aspectos, principalmente quanto ao amadurecimento intelectual dos indivíduos.

Saussure estudou predominantemente o indo-europeu, e seu trabalho mais importante nesse domínio é o *Mémoire*. Apesar desse detalhe, ele é conhecido pela ampla divulgação que teve o livro *Curso de lingüística geral*. O *Mémoire*, que foi seu primeiro trabalho publicado, faz um levantamento pormenorizado de tudo o que havia sido escrito sobre as vogais do indo-europeu e das línguas européias. Saussure, como todos os comparatistas e neogramáticos europeus, estava preocupado com a origem de sua civilização.

Outro exemplo da atuação dos interesses sociais e pessoais na obra científica desses três lingüistas é o sânscrito. Humboldt tinha uma visão extremamente idealizada desse idioma. Dos tipos lingüísticos, o sistema flexional é o mais perfeito, e, das línguas que empregam o sistema flexional, o sânscrito é o que explora esse sistema no maior grau de perfeição. Dessa forma, o sânscrito aparece na obra de Humboldt como o tipo lingüístico mais adequado ao desenvolvimento do pensamento abstrato. Saussure também estudou e ensinou sânscrito, mas, diferentemente de Whitney, que se dedicou a estruturar uma gramática normativa desse idioma, procurou no sânscrito respostas para as dúvidas da origem das línguas européias.

A comparação da obra dos três apresenta uma evidente trilha da evolução da sociedade durante o século XIX. Os três transpõem para o discurso científico que praticavam as preocupações básicas das sociedades em que viviam. Por isso, o modelo da relação intelectual varia muito entre os três, mas o resultado obtido parece ser uma contínua repetição. As diferenças conceituais entre eles são, na maioria

das vezes, muito pequenas, mas todas as explicações, mesmo que semelhantes no conceito, se diferenciam profundamente quanto à essência social de que se originam.

## Referências

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. [*Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*] *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Trad. y prólogo de Ana Agud. Barcelona: Anthropos, 1990.

\_\_\_\_\_. *Escritos políticos*. Trad. de Wenceslao Roces. México: Fondo Económico de Cultura, 1943.

SAUSSURE, F. de. *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*. Genève: Jules-Guillaume Fick, 1881.

\_\_\_\_\_. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Genève: Société Anonyme des Éditions Sonor, 1922.

\_\_\_\_\_. *Cours de linguistique générale* [1916]. Paris: Payot, 1931.

\_\_\_\_\_. *Curso de lingüística geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1971.

WHITNEY, W. D. *The life and growth of language*. New York: D. Appleton and Company, 1892.

\_\_\_\_\_. *La vie du langage*. Paris: Germer Baillière, 1880. Trad. do próprio W. D. Whitney.

\_\_\_\_\_. *Sanskrit Grammar*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1977.